



Aspectos cognitivos do processo de constituição de sentido de construções lexicais complexas com o verbo “*levar*”

Eliane Ferraz Alves

UFPB

Entre as teorias lingüísticas a que podemos recorrer, para um estudo descritivo/explicativo das Construções Lexicais Complexas, encontra-se em posição privilegiada, quando encarada numa perspectiva de base funcionalista, a teoria denominada de “cognitivismo lingüístico”.

Antes de nos determos em alguns conceitos dessa teoria, considerada, também como uma teoria de base funcionalista, tal como é apresentada em Votre (1996) e Salomão (1990), lembramos, que a aparente contradição entre as duas perspectivas de análise, a que segue uma linha unidirecional e a que concebe as alterações semânticas como extensões radiais, pode ser minimizada, se considerarmos, como nos mostra Vasconcellos (1995), que estas duas posições podem ser compatíveis e complementares, se forem encaradas com base na seguinte visão:

a de que haveria um sistema de princípios formais que regule as estruturas significantes da linguagem, e a de que tais estruturas sejam utilizadas pelas diversas línguas (e em parte no desempenho individual) de um modo pelo menos parcialmente coerente e motivado do ponto de vista semântico.

É com base nessa possibilidade de compatibilização teórica que, além de aplicarmos ao estudo das Construções Lexicais Complexas constituídas com o verbo “Levar” (doravante CLC(L)s, alguns dos princípios funcionalistas, faremos uso também, de alguns conceitos desenvolvidos e adotados pelo cognitivismo lingüístico. Corrente teórica

que apresenta estudos relativamente recentes (a partir de 1980), tem como principal característica, embora suas raízes tenham sido formadas dentro da tradição formalista universalista mentalista, o fato de ter, nos atuais estudos, abandonado um modelo formal de gramática, sendo esta, talvez, a principal razão desta corrente poder engajar-se em uma abordagem de cunho funcionalista.¹ Os principais estudos nesta linha estão centrados nos trabalhos de Lakoff (1987), Johnson (1987), Lakoff e Johnson (1980), Sweetser (1990), Salomão (1990) e Vasconcellos (1995).

Lakoff (1987), ao apresentar as principais características da lingüística cognitivista contrapõe, inicialmente, em termos de bases filosóficas, duas linhas de estudo: a do chamado realismo objetivista à do realismo experiencial. A primeira estabelece uma relação quase perfeita entre linguagem e conhecimento do mundo, ou seja, a realidade é apreendida a partir de uma maneira única e correta, sem que dependa da experiência e da subjetividade do usuário de uma língua particular. A Segunda, embora tenha em comum com o objetivismo a crença na possibilidade de um conhecimento estável sobre o mundo, parte do princípio de que os conceitos não só se desenvolvem a partir do organismo humano, mas também a partir da experiência humana, individual e coletiva. Dessa maneira, na primeira, o pensamento, entendido como “razão” é literal – formado por proposições objetivas que podem ser

¹ Tratando das questões que envolvem o cognitivismo lingüístico como uma corrente de estudos, também, funcionalista, Vasconcellos nos informa que: “*A Lingüística cognitivista é uma corrente teórica de consolidação relativamente recente – dos anos 80 para cá – e ainda pouco conhecida no Brasil enquanto linha de abordagem específica, embora vários adeptos do chamado programa funcionalista também façam referência à sua literatura.*” Embora esta lingüista tenha enquadrado esta linha de estudo na tradição formalista mentalista, não esquece de fazer as devidas ressalvas para tal enquadramento, quando nos dá a seguinte explicação: “*...hoje em dia (a Lingüística Cognitiva) afastou-se bastante de sua fonte, podendo inclusive ser considerada como representante de um paradigma teórico alternativo àquele de que proveio (que persiste na teoria chomskyana e em outras teorias formais da gramática), sobretudo no que concerne à destituição da importância do formalismo em Lingüística. (Não no sentido de que recusem à formalização, da qual fazem uso, embora sem considerá-la teoricamente indispensável, mas no de não acreditarem na natureza formal, arbitrária, dos símbolos de base das representações lingüísticas).* VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho de. 1995. **O processo da expansão de sentido e a questão da (ir)representabilidade semântica.** Tese de doutorado. Rio de Janeiro, PUC, p. 176-7.

verdadeiras ou falsas – e atomístico – formado através da combinação de símbolos primitivos, ou seja, a mente é concebida como uma máquina abstrata. Na Segunda, o pensamento encontra-se enraizado não só no organismo, mas na experiência vivenciada pelos indivíduos. De acordo com a interpretação que Vasconcellos (1995) faz de Lakoff (1987), nesta segunda linha dos estudos cognitivos.

O pensamento seria também imaginativo, porque é com a ajuda de processos de mapeamento metafórico e metonímico e de formação de imagens e de transposição de esquemas de imagens, que vão todos muito além da representação literal da realidade, que derivaria os conceitos e relações mais abstratos, não diretamente calcados na experiência. Teria ainda propriedades gestáticas, podendo formar conceitos sem ser pela combinação por meio de regras de primitivos atômicos, e uma estrutura ecológica: a eficiência do pensamento cognitivo dependeria da organização geral do sistema conceitual e da relevância do significado dos conceitos envolvidos, do seu lugar no sistema e grau de relacionamento com os demais. O pensamento seria, pois muito diferente da mera manipulação mecânica de símbolos abstratos.

Assim, enquanto para o realismo objetivista corresponde o uso da *teoria clássica da categorização*, Lakoff (1987) estuda as categorias que existem efetivamente no mundo, e que são determinadas por meio de um conjunto de propriedades objetivamente partilhadas pelos seus membros – para o realismo experiencial ou experiencialismo, corresponde uma teoria da categorização que foi denominada por Eleanor Rosch, de *Teoria dos Protótipos e das Categorias de Nível Básico* (apud Lakoff, 1987-39) – pontos de referência cognitivos – , originando-se deste último de categorização, as chamadas *Categorias Radiais* que utilizaremos como um dos níveis de análise, para determinar os sentidos do verbo “levar” como item lexical pleno e como constituinte de construções lexicais complexas. Vasconcellos (1995) nos explica, ainda, que o conceito de Categorias Radiais se contrapõe à Teoria Clássica da Categorização porque representa uma alternativa para esta teoria, ou seja,

para a idéia de que categorias sejam determinadas por um conjunto de propriedades coletivamente necessárias para estabelecer o

potenciamento de seus membros e suficientes para distinguir cada categoria das outras. Já pela teoria radial, uma categoria pode ter membros de vários graus de representatividade: seus melhores exemplares, ditos membros protótipos, apresentaram a maioria das propriedades que a caracterizam, mas, diferentemente do postulado pela teoria clássica, outros membros não precisariam ter todas essas propriedades, e alguns deles poderiam até não possuir nenhuma delas.

Dessa forma, a organização do sistema conceitual de base experiencialista, proposta por Lakoff (1987), assenta-se em duas questões fundamentais: a estrutura desses conceitos e a significatividade. Assim, a partir do estabelecimento do conceito de ICM, modelo cognitivo idealizado, Lakoff (1987), apresenta as idéias de “encorpamento”- termo traduzido por Vasconcellos (1985), do termo “*embodiment*” – , estruturas de nível básico, esquemas de imagens e espaços mentais.

O “encorpamento” é que garante a base da significatividade e fornece a origem para a estrutura conceitual, através das estruturas pré-conceituais, representadas por estruturas de nível básico – responsáveis pela categorização inicial, principalmente, pela organização de partes responsáveis pela constituição de uma imagem gestaltica – esquemas de imagens – estruturas cognitivas inconscientes, relativamente abstratas e extremamente simples, formadas a partir da vivência cinestésica corporal. Entre a conceptualização e o pensamento, estão os “espaços mentais”, ou “espaços representacionais” de natureza unicamente conceitual, onde estão localizadas representações mais específicas de entidades com determinadas propriedades e em dadas relações com outras, processos e eventos etc.

Para Lakoff (1987), modelos cognitivos idealizados (ICMs) são

*'gestalts ideativas', espécies de esquemas simplificados por meio dos quais organizamos nossos conhecimentos e criamos e estruturamos espaços mentais. São estruturas simbólicas relativamente complexas, organizadas sobretudo segundo a lógica de esquemas de imagens. São ditos idealizados porque não necessariamente correspondem ao mundo objetivo, podendo inclusive ser inconsistentes entre si.*²

São quatro os tipos básicos de modelos cognitivos: “propo-

² Tradução de Vasconcellos (1995: 184)

sicionais” e “esquemáticos”, caracterizados pelo tipo de estrutura que apresentam; “metafóricos” e “metonímicos”, caracterizados pelos princípios de formação que os criam a partir de outros modelos. Traduzindo Lakoff (1987), Vasconcellos (1995) nos explica que:

Os modelos proposicionais são os que não fazem uso dos dispositivos imaginativos da organização. Podem incluir não só estruturas cognitivas tradicionais nas abordagens formalistas, como proposições, feixes de traços e taxomias, mas também outros tipos de organizações cognitivas, como os frames, scripts e cenários desenvolvidos pelos teóricos da Inteligência Artificial. Os modelos esquemáticos correspondem a um esquema de imagem, ou a alguns esquemas de imagens diferentes relacionadas entre si por meio de transformações de esquemas de imagem representações abstratas de traços básicos de um modelo cognitivo. Os modelos metafóricos resultam do mapeamento de um domínio cognitivo fonte, já conceptualizado e estruturado por um modelo proposicional ou por um esquema de imagem, em um domínio alvo, disso decorrendo a atribuição a este de uma estrutura correspondente à do domínio original. Tal mapeamento seria tipicamente parcial, abrangendo apenas os aspectos do segundo domínio passíveis de serem compreendidos por analogia com os do primeiro. Já no caso dos modelos metonímicos, ocorreria mapeamento entre dois elementos de um elemento conceitual já estruturado por um ICM, passando um deles a valer pelo outro para fins cognitivos. (Vasconcellos, (1995: 184-5)

Quando expressões lingüísticas estão associadas a um modelo cognitivo, o resultado seria um quinto e especial tipo de ICM, os modelos simbólicos, próprios à linguagem.

Para a determinação desses modelos simbólicos, três noções são fundamentais: a de construção central, a de categorias radiais, já citadas anteriormente, a de encadeamento, “rede de nós”, cadeia, e a de motivação ou de princípios gerais de motivação.

Construções centrais, segundo Lakoff (1987: 463)

apresentam uma relação direta e regular entre forma e sentido, especificada pelos princípios gerais sobre os quais nos referimos como princípios centrais. Cláusulas estruturais não-centrais e seus sentidos

*formais correspondentes derivam, em sua maioria, das construções que foram consideradas mais centrais.*³

Estruturas radiais, para Lakoff (1987: 84), são extremamente comuns; fazem parte da gramática de uma língua dada, e são estruturadas radialmente porque a ela estão ligadas um certo número de subcategorias. “... a estrutura radial ocorre quando há uma variação central e comencionalizada que não pode ser prognosticada por regras gerais.”⁴ Como exemplo, podemos citar a categorização que Lakoff (1987:91) faz do item lexical “mãe”.

*A categoria mãe, conforme mencionamos anteriormente, é radicalmente estruturada no que diz respeito ao número de suas subcategorias: há uma categoria central, definida pela convergência de um grande número de modelos cognitivos (o Modelo do parentesco; há, também, uma extensão não-central, que são instâncias especializadas de uma subcategoria central, mas apropriadamente, são variações dos modelos (mãe adotiva, mãe natural etc).*⁵

Salomão (Cf. 1990) conclui, através da análise de vinte e três construções com o verbo “dar”, que este é uma categoria cognitivamente e gramaticalmente motivada isto é, para esta lingüista, a gramática é conceptualmente motivada, mas não necessariamente transparente.

³ “exhibit a direct and regular relationship between form and meaning, specified by general principles which we will call as central principles. Non-central clause structures, and their form-meaning correspondence derive in large part from those which are more central.” LAKOFF G. 1987. **Women fire and dangerous things what categories reveal about the mind**. Chicago, The University of Chicago Press.

⁴ “a radial structure is one where there is a central case and conventionalized variations to which cannot be predicted by general rules.” LAKOFF G. 1987. **Women fire and dangerous things what categories reveal about the mind**. Chicago, The University of Chicago Press.

⁵ The category mother, as we saw above, is structured radially with respect to a number of its subcategories: there is a central subcategory, defined by a cluster of converging cognitive models (the birth model, the nurturance model etc); in addition, there are noncentral extensions which are not specialized instances of the subcategory, but rather are variants of it (adoptive mother, birth mother, foster mother, surrogate mother etc). LAKOFF G. 1987. **Women fire and dangerous things what categories reveal about the mind**. Chicago, The University of Chicago Press.

Vasconcellos (1995), em um estudo cognitivista mais crítico do que descritivo, analise o verbo “passar” em suas diversas acepções apresentadas em dicionários e conclui que este também dá origem a construções radiais.

As diretrizes básicas desses dois últimos trabalhos, naquilo que diz respeito à consideração desses itens lexicais verbais como categorias estão centradas, principalmente, em Lakoff (1987) e Lakoff & Johnson (1980) para quem a idéia de um modelo central caracterizando as estruturas lingüísticas, determina as possibilidades de tensão de significado, através das relações que se estabelecem entre este modelo central e os modelos estendidos. São estas relações que formam as cadeias ou encadeamentos, citadas anteriormente; ou seja, o todo da categoria entrelaça-se em uma rede, cujos nós ocupam diversos lugares na estrutura, não deixando, no entanto, de ficarem, direta ou indiretamente, interligados.

O último conceito citado, é o de motivação, cuja explicação nos pode ser dada por Vasconcellos (1995), com base em Lakoff (1987). São

... eles permitem a extensão da categoria a partir dos membros protótipos, não têm o caráter de regras gerativas formais, mas, ao contrário, são fornecidos por certos princípios cognitivos gerais de motivação, que explicam em que os membros derivados são de algum modo 'semelhantes' aos de que se originam. Entre eles avultam princípios de mapeamento metafórico e metonímico e transformações de esquemas de imagem.

A partir da apresentação desses conceitos, explicitados por Lakoff (1987), também interpretados por Vasconcellos (1995) e Salomão (1990), passamos a considerar que, para podermos apresentar alguns aspectos cognitivos do processo de constituição de sentido dos CLC(L)s, precisamos, em termos sincrônicos, estabelecermos as relações semânticas entre o verbo “levar” como item lexical pleno, e o verbo “levar” como constituinte de construções complexas.

Dessa forma, temos para o item lexical “levar”, em seu sentido considerado básico, ou pleno, construção central:

X LEVOU Y (PARA...)

que detém, em si, as seguintes características:

- sentido concreto;
- possui o sema movimento: transferência de algo ou alguém de um determinado espaço para outro;
- possui o clasema + intencionalidade;
- a função gramatical transitiva é inerente ao item lexical.

Com base neste esquema conceitual, em que um ser animado transfere algo ou alguém de um lugar para outro, podemos depreender, neste caso, mais uma característica, “a transferência de posse” que, de acordo com Salomão (1990:84), pode ser representado pelo seguinte esquema conceitual:

Esquema conceitual do processo de transferência de posse

	X DO A A cause e	
X Have Y	Y Monte to Z from X	Z Have Y
The initial state	change	Final state

(Cf. Salomão (1990:33)

Consideramos como esquema conceitual básico, ou modelo cognitivo idealizado, o que contém em si a noção central de “movimento” que veicula em si mesma, a idéia concreta de transferência de posse. É o que podemos observar no seguinte registro:

- (1) *“Tome, leve essa carta e entregue à Prefeitura...”*
(VALPb AM 3NM)

Desta construção, portanto, podem resultar outras construções radiais, visto que estas podem estar ligadas à idéia geral de “movimento”, como ocorre no registro da CLC(L) *“levar (algo) na cabeça”*:

- (2) *“... a lição que eu dei nele, né ? parece que' ele levou aquilo na cabeça aí num brigou mais, num bebeu mais.”*
(VALPb AJM 3NM, p. 11)

Evidencia-se, nesse caso, um processo de extensão de sentido de base ideacional metonímica, onde temos o conjunto (levar + aquilo + (na) cabeça) que pode representar, também, um sentido concreto de prender algo à cabeça e transferir esse algo; e pode ter um sentido mais abstrato, onde levar veicula a noção de processo, de movimento e o nome cabeça representa funcionalmente, nesta situação comunicativa — usada com o sentido de memória, “Parece que ele memorizou ‘aquilo’”, “aprendeu a lição”, “guardou ‘aquilo’ memória” — a idéia de movimento em termos de processo mental (transferência de conhecimento, no caso, provocada por alguma ação anterior) e de lugar (onde o “aquilo” é mantido) também encontradas na construção central. Neste sentido, temos uma relação de identificação baseada na noção de movimento, ou de predicação circunstancial, que pode ser traduzida por: “X tem Y (através de). Tal interpretação pode, também, ter base na experiência corporificada, aos termos em que apresenta Lakoff (1987). Neste caso temos um processo de extensão de sentido de base metafórica, ou de predicação identificacional, que pode ser traduzida por: “X é Y”. Em suma, “levar aquilo na cabeça”, na contextualização discursiva apresentada, significa “guardar na memória”.

Interpretando Lakoff (1987), *Votre* (Cf. 1994: 30) nos lembra que o conceito resultante dessa experiência corporificada não é, necessariamente, predizível, mas sim que este conceito se constrói na experiência interativa. Em outras palavras, os nossos sistemas conceituais dependem diretamente da nossa percepção sócio-física.

Em resumo, a proposta de Lakoff apresenta as seguintes características:

- a) a língua pode ser caracterizada através de modelos simbólicos, nos quais se dá uma relação entre informação lingüística e modelos cognitivos;
- b) os modelos cognitivos podem ser proposicionais, de esquema em imagem, metafóricos e metonímicos;
- c) a experiência é categorizada em termos prototípicos, e é desta categorização que resultam as estruturas radiais.

Muitas dessas idéias são ampliadas ou até mesmo, em termos, reformuladas por Johnson (1987) e Sweetser (1990), também adeptos de um cognitivismo lingüístico de base experiencial. Ambos igualam suas teorias à de Lakoff (1987), quando, em seus estudos, fornecem

evidências de que o significado mais abstrato tem suas bases derivacionais em um significado sócio-físico, portanto, em um significado mais concreto.

Todos os usos do verbo “levar” na condição de elemento lingüístico constituinte de CLC(L)s, encontrados no corpus oral VALPb (1994) e nos dados escritos registrados no **Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo** (Borba *et alii*, 1990), bem como a correspondente análise dos sentidos veiculados por este item lexical verbal, nos encaminham, inicialmente, para uma pré-conclusão de que não é o verbo “levar” como constituinte de CLC(L)s, que é polissêmico, mas sim o sentido resultante de toda a construção complexa cuja base significativa está no “nome”, e não neste verbo, visto que este passa de um processo de funcionalização primária para um processo de funcionalização secundária.

Seguindo o mesmo paradigma dos estudos já realizados — Salomão sobre o verbo “dar” (1990) e Vasconcellos sobre o verbo “passar” (1995) —, embora usando procedimentos diferentes, que nos podem conduzir a diferentes mapeamentos semânticos, não podemos rejeitar esta forma como uma forma de sentido polissêmico, sentido este, que faz parte desta forma verbal em todos os estágios de nossa língua. No entanto, quando “levar” constitui CLC(L)s, este processo polissêmico assume características bem diferentes, é uma polissemia que tem suas bases semânticas, por meio de um processo metafórico ou metonímico, centradas no nome constituinte das CLC(L)s, e não no verbo; ou seja, a análise dos processos semânticos depreendidos dessas construções, em confronto com as diversas realizações de sentido detectados neste verbo, como item lexical pleno, nos permite observar que é apenas neste segundo contexto que “levar” é polissêmico. Temos, portanto, neste caso uma alteração semântica ou como denominam alguns estudiosos funcionalistas, um processo de mudança de função: processo que marca alterações ou mudanças funcionais nas formas ou construções gramaticais de uma determinada língua. Assim, “levar” na sua passagem de item lexical funcionalmente pleno, autônomo, determinante da sua capacidade funcional de predicar, passa para uma forma lingüística funcionalmente dependente dos outros elementos lingüísticos que, com este verbo, compõem a CLC(L). Uma dessas alterações funcionais está centrada na perda ou restrição de suas propriedades semânticas que também podemos

denominar de derivação polissêmica; como vimos anteriormente, tais propriedades podem ser decorrentes de dois processos fundamentais de constituição de sentido, ambos de base experiencial/cognitiva: o processo metafórico e o processo metonímico.

Na derivação de sentido de base metonímica, ocorre uma relação de contiguidade na qual um determinado sentido básico reaparece integralmente ou parcialmente em uma forma específica que, neste caso, passa constituir sentidos derivados, além desta noção de contiguidade, que depende, evidentemente, de uma visão componencialista da língua, isto é, da categorização e da subcategorização dos itens lexicais, existe uma versão mais sintática do que semântica do processo de metonimização das estruturas lingüísticas, caracterizada como uma reorganização das estruturas, também chamado de processo de reanálise (Givón: 1995), (Hopper & Traugott: 1993). Tal processo, menos conhecido do que o processo de metaforização, é, segundo Hopper e Traugott (1993) menos explorado na literatura lingüística. “Reanálise” representa, um mecanismo que atua no eixo sintagmático, e tem como principais características, uma reorganização ou reestruturação semântico-sintática do enunciado e uma reinterpretação dos elementos que o compõem. São exemplos típicos de reanálise, os estudos de Hopper & Traugott (1993) envolvendo a trajetória de “Let’s” e o sentido de futuro nas formas “*be going to*” do inglês, bem como os exemplos citados por Votre et alii (1996) a respeito das formas do Português, como por exemplo, *amar hei* > *amarei* e *tranqüila mente* > *tranqüilamente*.

Na derivação de sentido de base metafórica, ocorre uma relação analógica que depende de uma associação mental entre os significados envolvidos neste processo. Ou seja, a relação analógica tem base na identidade de pelo menos um dos semas específicos dos dois sememas, resultando, assim, num semema derivado, que é possível de ser comparado com o semema considerado primário.

Esses processos, no sentido empregado por Lakoff (1987), Jonhson (1987), Sweetser (1990) produzem modelos prototípicos de sentido, ou seja, os vários sentidos de uma palavra polissêmica podem estar ligados entre si por determinadas relações de natureza cognitiva. Com relação a levar, podemos afirmar, com base nos dados analisados, que, a partir da idéia central de movimento — implicando nesta idéia + transferência espacial e ± transferência de posse, são estabelecidas uma

série de relações temáticas, todas estas totalmente ou parcialmente relacionadas com as diversas concepções da noção física de movimento e suas respectivas transferências, para noções mais abstratas, conforme vimos no registro número 2.

Quando aceitamos este posicionamento teórico buscamos comprovar, embora sem a utilização dos mesmos métodos operacionais do cognitivismo linguístico, mas sim de suas bases teóricas, que, a partir da noção física de movimento, sentido básico, central, podemos derivar os outros sentidos realizados em contexto, nas CLC(L)s.

Referências Bibliográficas

- BORBA, Francisco da Silva (coord). 1990. **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo**. São Paulo, UNESP.
- GIVÓN, T. 1985. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia, J. Benjamins.
- HOPPER, P. J. & TRAUGOTT, E. C. 1993. **Grammaticalization**. Cambridge University Press.
- JOHNSON, Mark. 1987. **The body in the mind**. The bodily basis of meaning, imagination, and reason. Chicago, The University of Chicago Press.
- LAKOFF, G. 1987. **Women fire and dangerous Things: what categories reveal about the mind**. Chicago, The University of Chicago Press.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. 1980. **Metaphors we live by**. Petrópolis, Vozes.
- OLIVEIRA, Dermeval da Hora. (Coord.) et alii. 1994. **Projeto VALPb**. João Pessoa – Pb. UFPb.
- SALOMÃO, M. M. M. 1990. **Polysemy**. Aspect and modality in brazilian portuguese. The case for a cognitive explanation of grammar. Tese de Doutorado, Univ. of California at Berkeley.
- SWEETSER, E. 1990. **Form etnology to pragmatics**. Meta physical and cultural aspects of semantic change. Cambridge, Cambridge University Press.
- VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho de. 1995. **O processo de expansão de sentido e a questão da ir (ir)responsabilidade semântica**. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, PUC.
- VOTRE, Sebastião Josué. 1994. **A Base cognitiva da interação**. In: Rev. T. B. Rio de Janeiro. abr. – jun.
- VOTRE, Sebastião Josué et alii, 1995. **Variação e mudança linguística no paradigma da gramaticalização**. UFRJ, mimeo.
- VOTRE, Sebastião Josué et alii. 1996. **O paradigma da gramaticalização**. In: VOTRE, Josué et alii (Orgs.) **Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, UFRJ.